

RÚSSIA: EM BUSCA DA CONFIANÇA PERDIDA

Por Jean Daspry*



Imagem gerada por inteligência artificial.

A percepção de desrespeito às leis internacionais e a expansão da OTAN para leste geram apreensão na Rússia, e a restauração da confiança é crucial para a estabilidade global.

Tudo o que é excessivo é insignificante”, nos lembra Charles Maurice de Talleyrand-Périgord¹, Príncipe de Talleyrand. Todos podem ver: o excesso está se tornando uma marca dos tempos. Em todos os lugares, o excesso reina supremo. Os cenários dos canais de notícias 24 horas são as arenas modernas dos jogos de circo. Opiniões fortes, posições extremas, difamação do desviante... florescem ali. O senso de nuance e o respeito pelos outros não são mais relevantes. A esfera internacional não está imune a essa batalha maniqueísta do Bem contra o Mal.

Desde 24 de fevereiro de 2022, a Rússia tem sido retratada como a besta imunda responsável por todos os males da Terra. Poucos são aqueles que, sem justificar o injustificável, ousam desafiar a proibição tentando explicar o inexplicável, voltando-se para o passado para compreender o presente. Assim, através da erosão da confiança, surgem as razões para a raiva, que conduzem, através de uma progressão de desconfiança, às uvas desta mesma raiva russa.

¹ Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838) foi um político e diplomata francês. Ocupou o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros quatro vezes e foi o primeiro primeiro-ministro francês entre julho e setembro de 1815 sob Luís XVIII depois da restauração francesa.

RAZÕES PARA A RAIVA: EROÇÃO DA CONFIANÇA

Observando as posições de Moscou desde 1990, duas críticas à abordagem ocidental (essencialmente americana) se repetem regularmente: a negação da lei e da palavra dada.

A NEGAÇÃO DA LEI: O GRANDE DESAFIO

Certo ou errado, o desmembramento da antiga Iugoslávia, nas condições caóticas que conhecemos, não é aceitável para o Kremlin. Para as autoridades russas, trata-se de um duro golpe para os princípios definidos em 1975 pelos Acordos de Helsinque, concluídos no final da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE), lançada em 1973. Eles consagram a inviolabilidade das fronteiras na Europa, rejeitam qualquer recurso à força e qualquer interferência nos assuntos internos. Moscou acredita que esses três princípios foram pisoteados pelo Ocidente. Incapazes de se opor a esse ditame ocidental na época, os líderes russos se apegaram a esta fórmula lapidar: *nós nos lembraremos disso*. O eslavo tem uma memória longa e um ressentimento tenaz. De fato, os russos se lembrarão disso quando chegar a hora.

Poucos anos depois, estigmatizaram a flagrante violação dos princípios da Carta da ONU constituída pela guerra conduzida por uma coalizão liderada pelos Estados Unidos no Iraque em 2003. Ela ocorreu sem um mandato expresso do Conselho de Segurança da ONU (veja o famoso discurso de Dominique de Villepin² perante o Conselho de Segurança da ONU em 14 de fevereiro de 2003) e sob um pretexto falacioso, a saber, a presença de armas de destruição em massa neste país que ninguém jamais encontrou (veja o frasco de antraz, que o Secretário de Estado americano, Colin Powell³, brandiu perante o Conselho de Segurança da ONU em 5 de fevereiro de 2003, para justificar a iminente guerra contra Saddam Hussein). Esta expedição militar reforça a convicção dos russos de que a implementação do direito internacional está sujeita a mudanças e que sua avaliação fica a cargo dos donos da moral ocidentais.

Oito anos depois, os russos, assim como os chineses, se abstiveram de votar no Conselho de Segurança sobre a Resolução 1973, de 17 de março de 2011, que previa a intervenção humanitária na Líbia para evitar um banho de sangue em Bengazi. A operação, lançada por iniciativa de Nicolas Sarkozy⁴ com o apoio da OTAN, rapidamente levou à mudança de regime em Trípoli e ao assassinato de Muammar Kadhafi⁵ em 20 de outubro de 2011, em Sirte. Mais uma vez, os russos têm esta fórmula lapidar: *“não estamos mais sendo enganados.”* Isso explica a sua

² Dominique Marie François René Galouzeau de Villepin (1953-) é diplomata e político francês, tendo sido primeiro-ministro da França.

³ Colin Luther Powell (1937-2021) foi um político e general de quatro estrelas americano. Foi secretário de Estado dos EUA de 2001 a 2005, sendo o primeiro negro a ocupar o cargo.

⁴ Nicolas Paul Stéphane Sarkozy de Nagy-Bocsa (1955-), é advogado e político francês. Foi o 23.º presidente da França entre 2007 e 2012 e, juntamente com o bispo de Urgell, o copríncipe de Andorra.

⁵ Muammar Muhammad Abu Minyar al-Gaddafi (1942-2011), vulgarmente conhecido como Coronel Kadhafi, foi um revolucionário líbio, político e teórico político.

oposição, assim como a dos chineses, a todas as resoluções humanitárias subsequentes apresentadas por esses mesmos ocidentais.

Para completar o quadro, Moscou testemunha, ano após ano, o desmantelamento sistemático por Washington dos acordos bilaterais de desarmamento concluídos durante a Guerra Fria (ver ABM, START, etc.), sem mencionar a sabotagem de acordos multilaterais (ver CFE, Tratado de Céus Abertos, proibição de testes nucleares, protocolo de verificação de armas biológicas, retirada do acordo nuclear iraniano ou JCPOA, etc.).

Além da negação do direito ao destino manifesto, os russos instruem o processo por negação da palavra dada após o fim da Guerra Fria.

A NEGAÇÃO DA PALAVRA: O GRANDE MAL-ENTENDIDO

A expansão da OTAN constitui o principal cavalo de batalha da crítica russa em relação aos ocidentais e outros países da Europa Central e Oriental que se tornaram membros da Aliança Atlântica ao longo do tempo. Para melhor compreender a realidade do problema, é necessário um retorno ao passado.

Em poucos meses, no início da década de 1990, o impensável aconteceu em um ritmo vertiginoso. O Muro de Berlim que separa as duas Alemanhas cai. A URSS ruíu como um castelo de cartas, dando lugar à atual Federação Russa. O Pacto de Varsóvia – o equivalente oriental da OTAN – é dissolvido. Surge então a questão: agora que a Ameaça Vermelha desapareceu, a Aliança Atlântica não deveria ser dissolvida? Esse era o sentimento de François Mitterrand⁶ (*“A Aliança não é a Santa Aliança”*), que lançou sua ideia de uma “Confederação Europeia” no final de 1989. Essa organização – excluindo os Estados Unidos – tinha como objetivo garantir a paz e a segurança no continente. Os países do Leste Europeu e os Estados Unidos, assim como a Alemanha, sabotaram o projeto.

Após um período de choque, Washington está agora percebendo a utilidade de manter a OTAN viva: para combater a ideia de uma defesa europeia independente no estilo francês; manter os ocidentais sob controle; vassalizar os antigos membros do Pacto de Varsóvia que aderiram à Aliança (como o embaixador francês na OTAN, Gabriel Robin⁷, corretamente apontou com raiva para seus colegas orientais durante uma reunião em Evere: *“Há alguns ao redor desta mesa que estão destinados a permanecer satélites para sempre”*), vender suas armas para todos os idiotas úteis da Aliança e desencorajá-los de comprar armas francesas; manter a ideia de que a Rússia pode se tornar perigosa novamente e se preparar para essa eventualidade por meio de inúmeras manobras militares conjuntas...

Para não assustar o urso vermelho, as discussões sobre o futuro da OTAN entre americanos e russos – de acordo com as memórias daqueles que participaram delas – preveem que a expansão da OTAN deve ser limitada e mantida a uma

⁶ François Maurice Adrien Marie Mitterrand (1916-1996) foi um político francês. Foi presidente da França de 1981 até 1995, detendo o recorde de longevidade na presidência da República Francesa.

⁷ Gabriel Robin (1929-2021), diplomata francês, foi diretor político do Quai d'Orsay e representante permanente da França no Conselho da OTAN.

distância respeitável da Rússia. Essa é a compreensão russa do assunto. Mas não foi esse o caso. De 16 membros em 1989, a OTAN cresceu para 32 hoje, incluindo a Suécia. Assim, o limite externo da Aliança Atlântica está se aproximando cada vez mais da fronteira russa. Não vamos falar sobre a Ucrânia se juntar à Aliança Atlântica, o que é um sinal de alerta para o Kremlin!

À luz desses acontecimentos, incluindo os mais recentes, é compreensível que os russos não queiram correr o risco de ter armas nucleares americanas estacionadas em sua porta. Lembramos as razões da Crise dos Mísseis de Cuba em 1962. Os Estados Unidos aceitariam a instalação de armas nucleares russas no México perto de suas fronteiras?

Alguns também se esqueceram das duras palavras usadas por Vladimir Putin na Conferência de Segurança em 10 de fevereiro de 2007, em Munique. Lá, ele desenvolve sua visão de mundo em oposição a um mundo unipolar e denuncia o unilateralismo americano. Ele disse: *"Parece-me claro que a ampliação da OTAN não tem nada a ver com a modernização da Aliança ou com a segurança na Europa. Pelo contrário, é uma provocação que mina a confiança mútua, e podemos legitimamente nos perguntar contra quem essa ampliação é direcionada."* A mensagem, uma espécie de aviso aos ocidentais, é clara e límpida. Mas estes últimos não levam isso a sério. Vladimir Putin não deixará de lembrá-los de todas as suas queixas ao longo do tempo por meio de ações concretas e tangíveis.

AS VINHAS DA IRA: A PROGRESSÃO DA DESCONFIANÇA

Assim como Donald Trump, Vladimir Putin pratica o que prega, usando força e diplomacia para impor suas opiniões no Ocidente.

RESPOSTA MILITAR: A PRIMEIRA ALAVANCA

Já que os ocidentais podem violar a lei impunemente, por que deveríamos nos privar de fazer o mesmo, acreditam os russos? E é assim que eles farão a guerra em seus países vizinhos para evitar o contágio das ideias ocidentais entre seus vizinhos. O que nos diz Bertrand Renouvin⁸ sobre o assunto ao comentar a obra de Pierre Lellouche⁹?

"As iniciativas de Donald Trump conferem um aspecto ainda mais caótico à convulsão mundial que as elites europeias vivenciam ao nível dos seus sentimentos psicopatológicos: estupor e ressentimento, negação e vanglória. A comunicação social francesa e os líderes da Europa Ocidental consolam-se exibindo a sua virtude. Estão do lado certo, o da Lei e da Moral, contra Putin e o seu novo aliado americano! Esta boa consciência constrói-se no esquecimento de boa parte da história recente."

É claro que nunca devemos perder de vista a agressão injustificável travada pela Rússia contra um Estado soberano, após um longo período de guerra civil entre ucranianos no Donbass, alguns apoiados militarmente por Moscou, outros por Kiev."

⁸ Bertrand Renouvin (1943-) é um político francês, fundador e presidente do movimento político francês Nouvelle Action Royaliste.

⁹ Pierre Lellouche, *Engrenages. La guerre d'Ukraine et le basculement du monde*, Odile Jacob, 2025.

Pierre Lellouche traça as causas distantes – mas não fatais – do divórcio russo-americano, e depois a cadeia de eventos que levou à catástrofe: a ampliação da OTAN decidida por Bill Clinton, a provocativa promessa da entrada da Ucrânia na OTAN lançada em Bucareste em 2008, a responsabilidade de Bruxelas nos eventos que desencadearam o golpe de Maidan em 2014, o fracasso consensual dos acordos de Minsk depois que Volodymyr Zelensky, um defensor da paz rápida quando foi eleito em 2019, cedeu à pressão do partido de extrema direita Bandera.

À medida em que esses eventos se desenrolam, vemos a piedosa narrativa ocidental desmoronar sob o peso de improvisações, inconsistências e cálculos de curto prazo. Opostos à independência da Ucrânia durante o colapso soviético e então firmemente a favor de sua desnuclearização, os Estados Unidos não se preocuparam com a segurança do país enquanto prometiam sua entrada na OTAN. Barack Obama apoiou a ‘revolução de Maidan’ recusando-se a entregar as armas exigidas por Kiev, e Joe Biden rejeitou o pedido da Ucrânia de adesão à OTAN na cúpula de julho de 2023 em Vilnius. Washington e Bruxelas não levaram a sério os avisos emitidos por Vladimir Putin a partir de 2007, e o tema antirrusso da mídia e das elites continuou sendo um marcador polêmico para uso interno...

Em suma, uma diplomacia de posturas precedeu a guerra da emoção. Era concebível deixar a Ucrânia na zona de influência russa para continuar a economizar em armas, mas a União Europeia, alinhada com os Estados Unidos, optou pela eventual integração da Ucrânia na ‘comunidade euro-atlântica’ sem lhe dar meios para se defender e sem garantir a sua segurança. Nem a contraofensiva russa na Geórgia em 2008, nem a anexação da Crimeia em 2014 e a guerra aberta e depois secreta em Donbass levaram os estados da União Europeia a se rearmarem. Eles não acreditavam em uma intervenção militar russa na Ucrânia, apesar dos avisos dos serviços americanos... e é depois de três anos de guerra que anunciam investimentos maciços em Defesa, diante da perspectiva de um abandono dos EUA ¹⁰.

RESPOSTA DIPLOMÁTICA: A SEGUNDA ALAVANCA

As velhas mãos da diplomacia soviética e depois russa, como o ministro das Relações Exteriores, Sergei Lavrov, estão no comando. Eles têm ao seu lado o longo prazo e a visão estratégica de sua ação internacional, diferentemente de seus colegas ocidentais, que estão apenas de passagem. Eles operam em três níveis.

Moscou atua, primeiramente, dentro de um quadro bilateral, aproximando-se de todos os Estados com os quais a Rússia compartilha afinidades ideológicas (Argélia, Bielorrússia, China, Cuba, Coreia do Norte, Venezuela, etc.) ou tem interesses comuns (Índia, Irã, Turquia, países africanos que buscam apoio de segurança). Essa abordagem permite evitar o colapso de sua economia e quebrar seu isolamento no cenário internacional.

Moscou age, em seguida, em um contexto europeu, propondo discussões para o desenvolvimento de uma arquitetura europeia de confiança e segurança na Europa que responda aos novos parâmetros de paz e estabilidade no continente. Todas essas iniciativas são descartadas com um gesto de mão pelos ocidentais.

¹⁰ Bertrand Renouvin, *L'Ukraine dans l'engrenage*, www.bertrand-renouvin.fr, 5 de abril de 2025.

Estes não veem utilidade nisso. Hoje, esse assunto faz parte das condições impostas por Moscou para aceitar uma paz duradoura na Ucrânia. Constata-se a constância da política externa no longo prazo.

Moscou está finalmente agindo dentro de uma estrutura multilateral para afrouxar o controle das sanções e outras medidas coercitivas que estão afetando o país. E nesta questão o Kremlin tem algumas vantagens. China, Rússia, Irã, Índia, Brasil, Turquia... não têm utilidade para a visão moralista e messiânica do mundo, para a indignação seletiva ou para os (falsos) valores ocidentais. Esses estados estão se modernizando com base em seus próprios valores, rejeitando aqueles do Ocidente. Na Europa, a OTAN está estendendo a mão para a Ucrânia, um pano vermelho para Moscou. O Sul Global se abstém de votos condenando a Rússia na ONU e apoia Moscou dentro da estrutura do BRICS. A arquitetura diplomática e militar construída no Sahel depois da independência há 60 anos está sendo desmantelada. A Rússia está praticando *realpolitik*¹¹. No Fórum de Cooperação China-África (Pequim, setembro de 2024), a China quer obter o apoio dos estados africanos para redefinir uma ordem internacional muito imbuída de valores ocidentais. Isso está em linha com o objetivo do Sul Global, que busca redefinir a gramática das relações internacionais, virando as costas para aquela estabelecida pelo Ocidente em 1945. Assim, a diplomacia russa não está totalmente isolada no cenário internacional e usa todas as alavancas à sua disposição para compensar sua exclusão de vários fóruns.

SINFONIA DO NOVO MUNDO

“A confiança exige que os desacordos sejam expressos livremente” (Aristóteles). Uma questão da mais alta importância é, portanto, colocada em 2025. Como restaurar a confiança necessária para a “convivência” nas relações internacionais e, em particular, com a Rússia, sem cair na nostalgia do mundo de ontem definitivamente extinto e em um derrotismo de má qualidade? Confiança não se decreta. Ela se constrói pacientemente. Nós queremos isso? Podemos fazê-lo? Se for o caso, os ocidentais estão se preparando para essa eventualidade no futuro ou a ignoram em nome de uma visão moralizadora do mundo? De acordo com sua vocação natural de potência média de equilíbrio, a França poderia/deveria liderar uma coalizão de voluntários destinada a refletir e fazer propostas concretas sobre essa problemática. Essa abordagem teria a vantagem de nos reinserir nas discussões sobre a Ucrânia, trabalhando com Moscou na busca da confiança perdida.

Publicado no [Cf2R](#).

**Jean Daspry é o pseudônimo de um alto funcionário público francês, doutor em ciência política.*

¹¹ O termo *Realpolitik* vem do alemão e significa “política realista”. Refere-se a uma abordagem política baseada no interesse e pragmatismo, em detrimento de considerações morais ou ideológicas.